

A RAZÃO E OS SENTIDOS EM GUY DE MAUPASSANT

Kedrini Domingos dos SANTOS*

RESUMO: A questão da razão e dos sentidos, como forma de apreender o real, foi amplamente pensada nos tempos modernos, sobretudo por filósofos como René Descartes (1596-1650), David Hume (1754-1776), Emmanuel Kant (1724-1804) e Arthur Schopenhauer (1788-1860). As ideias empiristas e idealistas, com a valorização dos sentidos e do pensamento, respectivamente, entram no século XIX e influenciam muitos pensadores e escritores, caso do escritor francês Guy de Maupassant (1850-1893). Em sua obra, o escritor questiona tanto a razão quanto os sentidos e mostra-nos, em seu estilo pessoal, que tanto um quanto outro são formas limitadas de percepção.

PALAVRAS-CHAVE: Razão. Sentidos. Guy de Maupassant.

O escritor francês Guy de Maupassant (1850-1893) possui uma maneira própria de perceber e sentir o mundo, a qual se reflete necessariamente em seu estilo, e a importância dada ao corpo ou à cabeça, ou seja, aos sentidos ou aos pensamentos, como forma de apreender o real, revela-nos sua visão de mundo. A questão do instinto e da razão na natureza humana é importante nos tempos modernos, pois diz respeito à liberdade humana. Para o filósofo empirista David Hume (1754-1776), a natureza humana é dotada de disposições e instintos, todos de utilidade para a sobrevivência do ser-humano. Ele afirma ainda a superioridade do instinto natural como princípio produtor de conhecimento, denominado por ele de costume ou hábito (MATOS, 2007). De acordo com o filósofo, o ser-humano não tem livre-arbítrio, mas age por hábito, como os animais na natureza e a razão seria usada para saciar as necessidades, os desejos e as paixões (DUDLY, 2013). Os racionalistas, por sua vez, – Descartes, Espinosa e Leibniz –

* Doutora em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – santkelife@gmail.com

desconfiam dos sentidos e tentam averiguar a verdade sobre o mundo somente pela razão. Kant, filósofo idealista, em resposta ao empirismo de Hume, defende, por sua vez, a liberdade e a racionalidade. As ideias empiristas e idealistas, com a valorização dos sentidos e do pensamento, respectivamente, entram no século XIX e influenciam muitos pensadores e escritores. Darwin (1891, p.68)¹ afirma que “[...] não há diferença fundamental entre o homem e os mamíferos superiores, do ponto de vista das faculdades mentais.”² Nesse caso, se a inteligência humana não se distingue tanto da dos animais, vemos questionada a ideia da superioridade do ser humano. Já na filosofia de Schopenhauer (1999), a Vontade está mais associada ao corpo do que à razão.

Sobre o pensamento, Guy de Maupassant compreende que é graças a ele que o homem é capaz de adaptar o mundo às suas necessidades, afastando-o de sua natureza animal. Também é por seu intermédio que o ser consegue fugir do sofrimento e da solidão. Todavia, o benefício do pensamento é relativo para Maupassant, como podemos ver em uma carta de 1890:

Penser devient un tourment abominable quand la cervelle n'est qu'une plaie. J'ai tant de meurtrissures dans la tête que mes idées ne peuvent remuer sans me donner envie de crier. Pourquoi? Pourquoi? Dumas dirait que j'ai un mauvais estomac. Je crois plutôt que j'ai un pauvre coeur orgueilleux et honteux, un coeur humain, [...] il y a des jours où je ne pense pas comme ça, mais où je souffre tout de même [...] Mais cela, je ne le dis pas, je ne le montre pas, je le dissimule même très bien, je crois. On me pense sans aucun doute un des hommes les plus indifférents du monde. Je suis sceptique, ce qui n'est pas la même chose, sceptique parce que j'ai les yeux clairs. Et mes yeux disent à mon coeur: Cache-toi, vieux, tu es grotesque, et il se cache. (MAUPASSANT, 1938, p.384)³.

¹ Ver também Darwin (2009).

² Todas as traduções apresentadas neste trabalho são nossas, exceto aquelas cujas referências indicarem edições em português.

³ “Pensar torna-se um tormento abominável quando o cérebro é apenas uma ferida. Eu tenho tantos hematomas na cabeça que minhas ideias não podem se mover sem me fazer querer gritar. Por quê? Por quê? Dumas diria que eu tenho um estômago ruim. Acredito, sim, que tenho um coração pobre, orgulhoso e envergonhado, um coração humano, [...] há dias em que não penso assim, mas nos quais sou igualmente [...] Mas isso eu não digo, não mostro, eu escondo muito bem, acredito. Pensam que sou, sem dúvida, um dos homens mais indiferentes do mundo. Eu sou cético, o que não é a mesma coisa, cético porque tenho os olhos claros. E meus olhos dizem ao meu coração: esconda-se, velho, você é grotesco, e ele se esconde.” (MAUPASSANT, 1938, p.384).

Em Maupassant, a atividade intelectual é dolorosa, pois corresponde a um embate entre o homem e o pensamento, como podemos ver em “*La vie d’un paysagiste*”:

[...] toute cette lutte infinie de l’homme avec la pensée, toute cette bataille superbe et effroyable de l’artiste avec son idée, avec le tableau entrevu et insaisissable, je les vois et je les livre, moi, chétif, impuissant, mais torturé [...], avec d’imperceptibles tons, avec d’indéfinissables accords que mon œil seul, peut-être, constate et note; et je passe des jours douloureux à regarder, sur une route blanche, l’ombre d’une borne en constatant que je ne puis la peindre. (MAUPASSANT, 1938, p.169)⁴.

Por vezes, no escritor, a ignorância, ou a ausência do pensamento, seria benéfica, pois permitiria a abertura para os mistérios do mundo. Isso porque a razão reduz o homem ao seu universo humano, separando-o dos outros seres, enquanto seu alheamento possibilita a participação do homem na totalidade do mundo, vivendo em harmonia com a natureza (LARRIVAUD-DE WOLF, 2011). Com a supressão do pensamento, o ser pode se perder em devaneios, como ocorria com Rousseau (1997) em suas *Rêveries*, deixando de ter, desse modo, consciência de si mesmo, dissipando-se através das imagens do vazio e do nada. Maupassant, em *La Vie errante*, conta que a paisagem surge de forma a esvaziar seu ser, integrando-o à natureza, ainda que durante um momento apenas:

Il semble que quelque chose de ce calme éternel de l’espace descend et se répand sur la mer immobile, par ce jour étouffant d’été. C’est quelque chose d’accablant, d’irrésistible, d’endormeur, d’anéantissant, comme le contact du vide infini. Toute la volonté défaille, toute pensée s’arrête, le sommeil s’empare du corps et de l’âme [...] Ce jour tranquille de flottement avait nettoyé mon esprit comme un coup d’éponge sur une vitre ternie. (MAUPASSANT, 2014, p.16)⁵.

⁴ “[...] toda essa luta infinita do homem com o pensamento, toda essa batalha esplêndida e assustadora do artista com sua ideia, com o quadro vislumbrado e indescritível, eu os vejo e os entrego, eu, insignificante, impotente, mas torturado [...], com tons imperceptíveis, com acordes indefiníveis que meus olhos apenas, talvez, constatem e anotem; e passo dias dolorosos assistindo, em uma estrada branca, a sombra de um limite, constatando que não posso pintá-la.” (MAUPASSANT, 1938, p.169).

⁵ “Parece que algo dessa calma eterna do espaço desce e se espalha sobre o mar imóvel, nesse dia quente de verão. É algo esmagador, irresistível, sonolento, aniquilador, como o contato com o vazio infinito. Toda a vontade falha, todo pensamento pára, o sono toma conta do corpo e da alma [...]. Esse dia tranquilo e flutuante tinha clareado minha mente como uma esponja em uma janela embaçada.” (MAUPASSANT, 2014, p.16).

O pensamento possibilita, em Maupassant, a consciência da tristeza, do sofrimento e das angústias da existência, provocando um mal-estar no indivíduo. Não pensar seria, portanto, uma forma de se proteger e de fugir do horror da vida. Em *Bel-Ami*, Norbert de Varenne chama a atenção de Duroy para os perigos da reflexão:

— *Pourquoi souffrons-nous ainsi? C'est que nous étions nés sans doute pour vivre davantage selon la matière et moins selon l'esprit; mais, à force de penser, une disproportion s'est faite entre l'état de notre intelligence agrandie et les conditions immuables de notre vie. Regardez les gens médiocres; à moins de grands désastres tombant sur eux ils se trouvent satisfaits, sans souffrir du malheur commun. Les bêtes non plus ne le sentent pas.* (MAUPASSANT, 2007, p.259)⁶.

As ideias, sobretudo aquelas fixas, podem dominar o espírito, deixando o indivíduo louco, quando não sabe como resistir a elas. O narrador de *Fort comme la mort* fala justamente sobre a obsessão pela ideia fixa: “*Les idées fixes ont la ténacité rongeuse des maladies incurables. Une fois entrées en une âme, elles la dévorent, ne lui laissent plus la liberté de songer à rien, de s'intéresser à rien, de prendre goût à la moindre chose.*” (MAUPASSANT, 1983, p.245)⁷. Ainda sobre essa questão, André Vial (apud LARRIVAUD-DE WOLF, 2011, p.153), ao falar sobre a obra de Maupassant, diz que: “[...] *chacun des trois derniers romans achevés est tout entier l'étude minutieuse d'un cas nouveau d'obsession et mesure, de chapitre en chapitre, le progrès d'une hantise, l'infiltration incessante d'un cerveau par l'idée fixe, jusqu'à saturation, jusqu'à la coagulation totale de la pensée.*”⁸ Esse é o caso do romance *Fort comme la mort*.

⁶ “- Por que sofremos assim? É porque nascemos sem dúvida para viver mais de acordo com a matéria e menos de acordo com o espírito; mas, por força de pensar, uma desproporção se construiu entre o estado de nossa inteligência ampliada e as condições imutáveis de nossa vida. Olhem as pessoas mediocres; a menos que grandes desastres caiam sobre elas, elas estão satisfeitas, sem sofrer a infelicidade comum. Os animais também não a sentem.” (MAUPASSANT, 1981, p.259).

⁷ “As ideias fixas corroem com a tenacidade de doenças incuráveis. Uma vez que penetram nas almas, devoram-nas, tirando-lhes a liberdade de pensar em algo, de interessar-se por alguma coisa.” (MAUPASSANT, 1993, p.166).

⁸ “[...] cada um dos três últimos romances concluídos é inteiramente o estudo minucioso de um novo caso de obsessão e mede, de capítulo em capítulo, o progresso de uma obsessão, a incessante infiltração de um cérebro pela ideia fixa, até a saturação, até a coagulação total do pensamento.” (VIAL apud LARRIVAUD-DE WOLF, 2011, p.153).

Embora, as ideias sejam para muitos a “razão de ser”, para Maupassant⁹, elas revelam-se patéticas, passíveis de serem desprezadas e ridicularizadas:

Je n'ai pas d'autre raison d'être, de continuer à être, et à écouter, et à débiter, et à répéter les inepties dont se compose l'existence. Quant aux idées, qui sont pour beaucoup d'hommes, pour les meilleurs, la raison d'être, je trouve que les plus compliquées sont simples à faire désespérer de l'intelligence humaine, que les plus profondes quand on y a réfléchi cinq minutes, sont pitoyables. Il faut avoir un bon système nerveux, très sensible, un épiderme très délicat, des yeux excellents pour voir, et un bon esprit pour savourer et mépriser. Et se moquer ensuite de tout ce qu'on voit, de tout ce qui est respecté, considéré, estimé, admiré, communément, s'en moquer d'une façon naturelle et constante comme on digère ce qu'on mange. Voyez, c'est-à-dire, avalez et rendez la vie à la façon des aliments de toute nature qui deviennent la même ordure. Tout n'est que de l'Ordure quand on a compris et digéré. (MAUPASSANT, 1889)¹⁰.

As ideias mostram-se frequentemente lamentáveis e desprezíveis, de modo que, para aqueles que têm bons olhos para ver e um bom espírito para desprezar tudo isso, a ironia surge como única forma de suportar todo o “lixo” produzido, visto, admirado e consumido na vida. Ao comparar a zombaria com o processo digestivo, o escritor entra no universo corporal, o qual tem grande espaço em sua obra.

Observamos, desse modo, que o pensamento, em Maupassant, não é a faculdade primordial, entendida como superior aos sentidos. Ao contrário, ele se revela limitado e, por vezes, prejudicial, sendo constantemente desmentido e desacreditado na obra do romancista. O espírito e o pensamento designam a aptidão de refletir, mas são, em *Fort comme la mort*, impulsionados por registros que lhe parecem estranhos, por exemplo: “*l'esprit excité*”, “*l'esprit rassasié*” e o

⁹ Carta endereçada a Jean Bourdeau, em setembro de 1889.

¹⁰ “Não tenho outra razão de ser, de continuar a ser, ouvir e debitar, e repetir o absurdo de que a existência se compõe. Quanto às ideias, que são para muitos homens, para os melhores, a razão de ser, acho que as mais complicadas são simplesmente de fazer desesperar da inteligência humana, que as mais profundas, quando pensamos nelas cinco minutos, são lamentáveis. É preciso ter um bom sistema nervoso, muito sensível, uma pele muito delicada, olhos excelentes para ver e um bom espírito para desfrutar e desprezar. E, depois, zombar de tudo o que vemos, de tudo o que é respeitado, considerado, estimado, admirado, comumente, zombar de forma natural e constante como se digere o que se come. Veja, ou seja, engula e devolva a vida à maneira dos alimentos de toda natureza que se tornam o próprio lixo. Tudo é apenas Lixo quando se entendeu e digeriu.” (MAUPASSANT, 1889).

“*pensée aussi ardente*” (MAUPASSANT, 1983, p.115, p.156 e p.277). Aqui, o espírito parece ter a mesma função que os sentidos, comportando-se como pulsões, de modo que a união de corpo e cabeça parece ultrapassar os contrários inerentes ao ser. Além disso, frequentemente, a razão, ou o pensamento, revela-se inseparável dos sentidos, especialmente da visão, em uma equivalência que une corpo e espírito (LARRIVAUD-DE WOLF, 2011). Bertin, por exemplo, encontra-se em um momento em que “[...] *l’esprit excité comprend tout avec plus de plaisir [...], où l’on goûte une joie plus vive à regarder et à sentir [...]*” (MAUPASSANT, 1983, p.115)¹¹. Nesse trecho, há a passagem do espírito às sensações, e sentir e olhar parece contribuir para a compreensão do mundo.

Henry James (1987) também observou que os sentidos têm grande importância na obra de Maupassant, pois é através deles que o escritor francês aprende a vida e produz “obras brilhantes”, de modo que seu valor não pode ser negado ou minimizado. É através do corpo, e dos sentidos, que é possível conhecer o mundo e a si mesmo. Assim, os sentidos permitem uma comunhão com o mundo e possibilitam ao homem encontrar a felicidade, mesmo que seja momentaneamente. Em uma carta, Maupassant (1889) fala sobre a beleza, a qual surge associada às sensações:

*J’ai parfois de courtes et bizarres et violentes révélations de la beauté, d’une beauté inconnue, insaisissable, à peine révélée par certaines idées, certains mots, certains spectacles, certaines colorations du monde à certaines secondes qui font de moi une machine à vibrer, à sentir et à jouir, délicieusement frémissante. Je ne peux pas communiquer cela, ni l’exprimer, ni l’écrire, ni le dire. Je le garde.*¹²

Cada sentido possui sua especificidade e todos são explorados no romance *Fort comme la mort*. No caso de Bertin, em *Fort comme la mort*: “*Ayant passé toute sa vie dans l’intimité, l’observation, l’étude et l’affection des femmes, s’étant toujours occupé d’elles, ayant dû sonder et découvrir leurs goûts, connaître comme elles la toilette, les questions de mode, tous les menus détails de leur existence privée*

¹¹ “[...] o espírito excitado compreende tudo com mais prazer [...] em que se prova uma alegria mais viva em olhar e sentir [...]” (MAUPASSANT, 1993, p.81).

¹² “Eu às vezes tenho revelações curtas e bizarras e violentas da beleza, de uma beleza desconhecida, inefável, mal revelada por certas idéias, certas palavras, certos espetáculos, certas colorações do mundo em certos segundos que fazem de mim uma máquina de vibrar, sentir e gozar, tremendo deliciosamente. Eu não posso comunicar isso, nem expressá-lo, nem escrevê-lo, nem dizê-lo. Eu o guardo.” (MAUPASSANT, 1889).

[...]” (MAUPASSANT, 1983, p.240)¹³, o pintor acaba compartilhando com elas algumas de suas sensações: “[...] *il éprouvait toujours, en entrant dans un de ces magasins où l’on vend les accessoires charmants et délicats de leur beauté, une émotion de plaisir presque égale à celle dont elles vibraient elles-mêmes.*” (MAUPASSANT, 1983, p.240)¹⁴. Nesse caso, as “*dentelles attiraient ses mains*” e “[...] *le bureau de drap foncé, où les doigts souples de l’orfèvre font rouler les pierres aux reflets précieux, lui imposait une certaine estime.*” (MAUPASSANT, 1983, p.240)¹⁵. Fonte de admiração, as sensações táteis também podem sugerir prazer, caso da condessa Any de Guilleroy, que sente prazer ao ser manejada e tocada¹⁶ em uma casa de moda:

Elle adorait [...] se sentir maniée par les mains habiles des jeunes filles qui la dévêtaient et la rhabillaient en la faisant pivoter doucement devant son reflet gracieux. Le frisson que leurs doigts légers promenaient sur sa peau, sur son cou, ou dans ses cheveux était une des meilleures et des plus douces petites gourmandises de sa vie de femme élégante. (MAUPASSANT, 1983, p.204)¹⁷.

No caso do olfato, ele também exerce um papel importante em *Fort comme la mort*. Encontramos no romance, por exemplo, o emprego metafórico da palavra *flair* para a capacidade de pressentir e intuir: “*Elle [a condessa] comprit bien, peu à peu, avec son flair de femme, qu’Annette l’attirait presque autant qu’elle-même.*” (MAUPASSANT, 1983, p.137)¹⁸. O cheiro também pode anunciar o personagem. No caso de *Fort comme la mort*, o cheiro anuncia a velha aristocracia em uma exposição no *Palais de l’Industrie*, denunciando o mundo ao qual pertencem os

¹³ “Tendo passado toda a sua vida na intimidade, observação, estudo e afeição das mulheres, tendo-se sempre ocupado delas, tendo tido de sondar e descobrir seus gostos, conhecer seus vestuários, questões de moda, todos os mínimos detalhes de suas existências privadas [...]” (MAUPASSANT, 1993, p.164).

¹⁴ “[...] experimentava sempre, entrando numa dessas lojas onde se vendem acessórios encantadores e delicados para sua beleza, uma emoção de prazer quase igual à que as fazia vibrar.” (MAUPASSANT, 1993, p.164).

¹⁵ “[...] a escrivanhinha de forro escuro, onde os dedos delicados do ourives fazem rolar as pedras de reflexos preciosos, impunha-lhe uma certa estima.” (MAUPASSANT, 1993, p.164).

¹⁶ Danger (1993) entende, neste caso, a expressão de uma relação entre narcisismo e homossexualidade.

¹⁷ “Adorava [...] sentir-se manuseada pelas mãos habéis das moças que a despiam e vestiam, fazendo-a girar suavemente diante de seu reflexo gracioso. O arrepio que seus dedos leves transmitiam à sua pele, seu pescoço, seus cabelos, experimentando-lhe chapéus, era uma das melhores coisas de sua vida de mulher elegante.” (MAUPASSANT, 1993, p.139).

¹⁸ “A condessa compreendeu bem, pouco a pouco, com seu faro de mulher, que Annette o atraía quase tanto quanto ela mesma.” (MAUPASSANT, 1993, p.100).

personagens: “*Une chaleur d’humanité, une odeur fade de robes et d’habits vieillis sur le corps faisaient là-dedans une atmosphère écoeurante et lourde.*” (MAUPASSANT, 1983, p.137)¹⁹. O cheiro produz ainda reminiscências da existência²⁰:

Bertin sentait en lui s’éveiller des souvenirs, ces souvenirs disparus, noyés dans l’oubli et qui soudain reviennent, on ne sait pourquoi. Ils surgissaient rapides, de toutes sortes, si nombreux en même temps, qu’il éprouvait la sensation d’une main remuant la vase de sa mémoire. Il cherchait pourquoi avait lieu ce bouillonnement de sa vie ancienne que plusieurs fois déjà, moins qu’aujourd’hui cependant, il avait senti et remarqué. Il existait toujours une cause à ces évocations subites, une cause matérielle et simple, une odeur, un parfum souvent. Que de fois une robe de femme lui avait jeté au passage, avec le souffle évaporé d’une essence, tout un rappel d’événements effacés! Au fond des vieux flacons de toilette, il avait retrouvé souvent aussi des parcelles de son existence; et toutes les odeurs errantes, celles des rues, des champs, des maisons, des meubles, les douces et les mauvaises, les odeurs chaudes des soirs d’été, les odeurs froides des soirs d’hiver, ranimaient toujours chez lui de lointaines réminiscences, comme si les senteurs gardaient en elles les choses mortes embaumées, à la façon des aromates qui conservent les momies. (MAUPASSANT, 1983, p.111)²¹.

¹⁹ “Um calor de gente, um cheiro insípido de vestidos e casacas envelhecidas nos corpos criavam, do lado de dentro, uma atmosfera repugnante e pesada.” (MAUPASSANT, 1993, p.95).

²⁰ Bismut (1987), ao observar as influências entre escritores, pergunta-se se Proust (1871-1922) teria lido *Fort comme la mort* quando a obra foi publicada, em 1889, – Proust teria então dezoito anos – e se de alguma maneira este trecho teria contribuído para a composição de algumas passagens famosas de *A la recherche du temps perdu* (PROUST, 2008), como a passagem a seguir: “Mas, quando de um passado antigo nada resta, após a morte dos seres, depois da destruição das coisas, somente, mais frágeis mas mais vívidos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o cheiro e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, para se lembrar, para esperar, para ter esperança, na ruína de todo o resto, para carregar sem esmorecer, em sua gotinha quase impalpável, o edifício imenso da lembrança.” (PROUST apud BISMUT, 1987, p.317).

²¹ “Bertin sentia o despertar de recordações, recordações desaparecidas, afogadas no esquecimento e que, subitamente, voltam, não se sabe por quê. Surgem rápidas, de todos os tipos, tão numerosas ao mesmo tempo, que ele experimentava a sensação de uma mão remexendo o limo de sua memória. Ele procurava o motivo daquela efervescência de sua vida passada, que, entretanto, por diversas vezes, menos que hoje, ele sentira e observara. Existia sempre uma causa para aquelas evoluções súbitas, uma causa material e simples, um cheiro, um perfume, frequentemente. Quantas vezes um vestido de mulher despertara-lhe, ao passar com o sopro vaporoso de uma essência, toda a evocação de acontecimentos apagados. No fundo de velhos frascos de penteadeira, ele encontrara muitas vezes também parcelas de sua existência; e todos os odores errantes, os das ruas, dos campos, das casas, dos móveis, os doces, os maus, os odores quentes das noites de verão, os odores frios das noites de inverno, reanimava-lhe reminiscências longínquias, como se os cheiros guardassem as coisas mortas embaumadas, à maneira dos aromas que conservam as múmias.” (MAUPASSANT, 1993, p.78-79).

O sentido do olfato parece ter a capacidade de transcender a matéria e proporcionar uma comunhão entre o ser e o mundo exterior, integrando-o à totalidade. O olfato parece ser fundamental para convocar as outras sensações, estabelecendo, como ocorria na poesia de Baudelaire, correspondências inusitadas, abrindo as portas para o desconhecido.

Quanto ao sentido do paladar, podemos observar a seguinte passagem:

L'aimait-il [Bertin]? Certes, il la désirait à peine, n'ayant pas réfléchi à la possibilité d'une possession. Jusqu'ici, dès qu'une femme lui avait plu, le désir l'avait aussitôt envahi, lui faisant tendre les mains vers elle, comme pour cueillir un fruit, sans que sa pensée intime eût été jamais profondément troublée par son absence ou par sa présence. (MAUPASSANT, 1983, p.38)²².

A metáfora da fruta lembra o pecado original e mostra o poder de atração da mulher e esse objeto de desejo está pronto para ser comido. Encontramos ainda uma imagem gustativa que traduz o estado de alma de Bertin: “*Au moment de sortir, il la saisit [Any], l'enveloppa tout entière dans ses bras et, appuyant la bouche sur son front, il semblait boire, aspirer en elle tout l'amour qu'elle avait pour lui.*” (MAUPASSANT, 1983, p.302)²³.

No caso da audição, o ouvido é fonte de informação: “*Et toujours elle l'interrogeait, vibrante de curiosité, les yeux fixés sur lui, l'oreille avide de ces choses un peu inquiétantes à entendre, mais si charmantes à écouter.*” (MAUPASSANT, 1983, p.42)²⁴. E a música surge como uma forma de embriaguez:

Olivier Bertin adorait la musique; comme on adore l'opium. Elle le faisait rêver. Dès que le flot sonore des instruments l'avait touché, il se sentait emporté dans une sorte d'ivresse nerveuse qui rendait son corps et son intelligence incroyablement vibrants. Son imagination s'en allait comme une folle, grisée par les mélodies, à travers des songeries douces et d'agréables rêvasseries. Les yeux fermés, les jambes

²² “Ele a amava? Certamente, apenas a desejava, sem ter refletido sobre a possibilidade de uma posse. Até então, se uma mulher lhe tivesse agradado, o desejo tê-lo-ia logo invadido, fazendo que estendesse as mãos para ela, como para colher um fruto sem que seu pensamento íntimo jamais tivesse sido profundamente perturbado por sua ausência ou por sua presença.” (MAUPASSANT, 1993, p.27).

²³ “No momento de sair, segurou-a em seus braços e, apoiando os lábios em sua testa, parecia beber, aspirar todo o amor que ela lhe tinha.” (MAUPASSANT, 1993, p.205).

²⁴ “E ela o interrogava sempre, vibrante de curiosidade, com os olhos fixos nele, os ouvidos dessas coisas um pouco inquietantes de se ouvir, mas tão encantadoras de se escutar.” (MAUPASSANT, 1993, p.31).

croisées, les bras mous, il écoutait les sons et voyait des choses qui passaient devant ses yeux et dans son esprit. (MAUPASSANT, 1983, p.104)²⁵.

É possível pensar, neste trecho, em uma aproximação com o poeta Baudelaire e seus paraísos artificiais, onde o haxixe, o vinho e o ópio eram usados para estimular a imaginação e cujos efeitos propiciam um estado de “beatitude irracional” (SABATIER, 2004, p.345).

Voltando aos sentidos, Maupassant (1938, p.169), em *La vie d'un paysagiste*, compreende o olho como “*le plus admirable des organes humains*”. É através dele que se tem o primeiro contato com o mundo exterior:

Vrai, je ne vis que par les yeux; je vais, du matin au soir, par les plaines et par les bois, par les rochers et par les ajoncs, cherchant les tons vrais, les nuances inobservées, tout ce que l'école, tout ce que l'appris, tout ce que l'éducation aveuglante et classique empêche de connaître et de pénétrer. Mes yeux ouverts, à la façon d'une bouche affamée, dévorent la terre et le ciel. Oui, j'ai la sensation nette et profonde de manger le monde avec mon regard, et de digérer les couleurs comme on digère les viandes et les fruits. [...] Une feuille, un petit caillou, un rayon, une touffe d'herbe m'arrêtent des temps infinis; et je les contemple avidement, plus ému qu'un chercheur d'or qui trouve un lingot, savourant un bonheur mystérieux et délicieux à décomposer leurs imperceptibles tons et leurs insaisissables reflets. (MAUPASSANT, 1938, p.167)²⁶.

E esse sentido se manifesta em toda sua potência no artista que é Bertin:

Il était dans une de ces heures [...] où l'oeil voit mieux, semble plus impressionnable et plus clair, où l'on goûte une joie plus vive à regarder et à sentir, comme si une

²⁵ “Olivier Bertin adorava música como se adora ópio. Ela o fazia sonhar. A partir do momento em que a onda sonora dos instrumentos o tocava, sentia-se arrebatado por uma espécie de embriaguez nervosa, que tornava seu corpo e sua inteligência incrivelmente vibrantes. Sua imaginação partia como louca, inebriada pelas melodias, através dos devaneios doces e de agradáveis sonhos. Com os olhos fechados, as pernas cruzadas, os braços frouxos, escutava os sons e via imagens que passavam ante seus olhos em seu espírito.” (MAUPASSANT, 1993, p.73).

²⁶ “Verdade, eu vivo apenas pelos olhos; Eu vou, de manhã à noite, pelas planícies e bosques, pelas rochedos e tojos, à procura de verdadeiros tons, os matizes não observados, tudo o que a escola, tudo o que se aprende, tudo o que a educação cega e clássica impede de conhecer e penetrar. Meus olhos abertos, como uma boca faminta, devoram a terra e o céu. Sim, tenho a sensação clara e profunda de comer o mundo com o meu olhar, e de digerir as cores como se digerem as carnes e frutas [...] Uma folha, uma pedrinha, um raio, um tufo de grama me param tempos infinitos; e eu os contemplo com avidez, mais comovido do que um garimpeiro que encontra um lingote, saboreando uma felicidade misteriosa e deliciosa de decompor seus tons imperceptíveis e seus reflexos ilusórios.” (MAUPASSANT, 1938, p.167).

main toute-puissante venait de rafraîchir toutes les couleurs de la terre, de ranimer tous les mouvements des êtres, et de remonter en nous, ainsi qu'une montre qui s'arrête, l'activité des sensations. (MAUPASSANT, 1983, p.115)²⁷.

Os olhos do pintor contemplam o corpo feminino e tentam transportar seu charme e beleza para a tela:

Penché vers elle [Any], épiait tous les mouvements de sa figure, toutes les colorations de sa chair, toutes les ombres de la peau, toutes les expressions et les transparences des yeux, tous les secrets de sa physionomie, il s'était imprégné d'elle comme une éponge se gonfle d'eau; et transportant sur sa toile cette émanation de charme troublant que son regard recueillait, et qui coulait, ainsi qu'une onde, de sa pensée à son pinceau, il en demeurerait étourdi, grisé comme s'il avait bu de la grâce de femme. (MAUPASSANT, 1983, p.36)²⁸.

A sedução também ocorre por intermédio dos sentidos, como podemos ver em *Fort comme la mort*, quando a mulher tentar seduzir os sentidos do homem: “*Elle [Any] s’efforça de séduire ses yeux par des élégances, son odorat par des parfums, son oreille par des compliments et sa bouche par des nourritures.*” (MAUPASSANT, 1983, p.60)²⁹. A sedução se dá através da visão, do cheiro de perfume, das palavras ditas e do paladar e a união dos sentidos da audição, paladar e da visão provocam sensação de prazer: “*Elle [Annette] recommença, et lui [Bertin], tournant la tête, se remit à contempler Annette, mais en écoutant aussi la musique, afin de goûter en même temps deux plaisirs.*” (MAUPASSANT, 1983, p.233)³⁰.

Vemos ao mesmo tempo o desejo e a impossibilidade de comunicar esses momentos através de palavras, sejam elas escritas ou faladas. Em *La vie errante*,

²⁷ “Achava-se em uma daquelas horas [...] em que o olho vê melhor, parece mais impressionável e mais claro, em que se prova uma alegria mais viva em olhar e sentir, como se mão todo-poderosa acabasse de refrescar todas as cores da terra, reanimar todos os movimentos dos seres e reativar em nós, como a um relógio que para, a atividade das sensações.” (MAUPASSANT, 1993, p.81).

²⁸ “Inclinado para ela, espiando todos os movimentos de seu rosto, todas as colorações de sua carne, todos os sombreados de sua pele, todas as expressões e transparências dos olhos, todos os segredos de sua fisionomia, ele se impregnara dela como uma esponja se encharca de água; e, transportando sobre a tela emanação de encanto perturbador que seu olhar recolhia e que fluía, assim como uma onda, de seu pensamento ao seu pincel, ele permanecia atordoado, inebriado como se tivesse bebido a graça da mulher.” (MAUPASSANT, 1993, p.26).

²⁹ “Ela esforçou-se em seduzir seus olhos com a elegância, seu odor com perfumes, seus ouvidos com cumprimentos e sua boca com alimentos.” (MAUPASSANT, 1993, p.43).

³⁰ “Ela recomeçou, enquanto ele, voltando a cabeça, pôs-se a contemplar outra vez Annette, mas escutando também a música, para provar dos dois prazeres ao mesmo tempo.” (MAUPASSANT, 1993, p.158).

os sentidos parecem se fundir uns nos outros: “*Je demeurais haletant, si grisé de sensations, que le trouble de cette ivresse fit délirer mes sens. Je ne savais plus vraiment si je respirais de la musique, ou si j’entendais des parfums, ou si je dormais dans les étoiles.*” (MAUPASSANT apud LARRIVAUD-DE WOLF, 2011, p.157)³¹. E a integração de todos os sentidos parece provocar a sensação de embriaguez, permitindo a ligação com o mundo, lembrando, novamente, os paraísos artificiais de Baudelaire (2006). Em *Fort comme la mort* encontramos essa mistura dos sentidos, quando Bertin observa Annette:

Il la regardait avec ravissement, comme on regarde une aurore, comme on écoute de la musique avec des tressaillements d’aise quand elle se baissait, se redressait, levait les deux bras en même temps pour remettre en place sa coiffure. Et puis, de plus en plus, d’heure en heure, elle activait en lui l’évocation de l’autrefois! Elle avait des rires, des gentilleses, des mouvements qui lui mettaient sur la bouche le goût des baisers donnés et rendus jadis, elle faisait du passé lointain, dont il avait perdu la sensation précise, quelque chose de pareil à un présent rêvé; elle brouillait les époques, les dates, les âges de son coeur, et rallumant des émotions refroidies, mêlait, sans qu’il s’en doutât, hier avec demain, le souvenir avec l’espérance. (MAUPASSANT, 1983, p.196)³².

Podemos perceber a sensação de embriaguez surgida a partir do olhar dirigido à mulher e da evocação da música, do sabor dos beijos e dos gestos. Tudo isso evoca outros tempos e reatualiza o passado no presente, um presente sonhado, misturando épocas e anulando as contradições do mundo, ainda que temporariamente.

No entanto, se o pensamento não tem a primazia na obra de Maupassant, os sentidos também são questionados. Como diz o escritor, os sentidos “[...] *qui sont les seuls intermédiaires entre la vie extérieure et nous, qui nous imposent leurs*

³¹ “Ficava ofegante, tão intoxicado com sensações, que a perturbação dessa embriaguez fez meus sentidos delirar. Eu realmente não sabia mais se respirava música, ou se ouvia perfumes, ou se dormia nas estrelas.” (MAUPASSANT apud LARRIVAUD-DE WOLF, 2011, p.157).

³² “Ele a olhava com arrebatamento, como se contempla uma aurora, como se escuta música, com estremecimentos de satisfação, quando ela se abaixava, se levantava, erguia os braços ao mesmo tempo para ajeitar o penteado. E, cada vez mais, de hora em hora, ela ativava nele a evocação do passado! Ela sorria e tinha gentilezas e gestos que lhe traziam à boca o gosto dos beijos dados e retribuídos outrora; ela fazia do passado distante, cuja sensação exata se perdera, algo de semelhante num presente sonhado; embaralhava as épocas, as datas, as idades de seu coração e, reacendendo emoções adormecidas, misturava, sem que desconfiasse, o ontem com o amanhã, a recordação com a esperança.” (MAUPASSANT, 1993, p.134-135).

perceptions, déterminent notre sensibilité, créent en nous une âme essentiellement différente de toutes celles qui nous entourent.” (MAUPASSANT, 1929, p.XIX)³³. No entanto, embora os sentidos permitam fazer a ligação entre o homem e o mundo exterior, eles são poucos e, portanto, insuficientes para apreender a realidade plenamente, como podemos constatar em “*Lettre d’un fou*”³⁴, de 1885. O homem passa pela vida de forma mecânica, cego, “*croyant voir, croyant savoir, croyant connaître*”³⁵ o que o rodeia, mas não compreende que tudo é falso, visto que o ser exterior, em toda sua integridade, nos escapa e sua parcela acessível é apreendida de maneira incerta e escassa por nossos órgãos:

Incertains, parce que ce sont uniquement les propriétés de nos organes qui déterminent pour nous les propriétés apparentes de la matière. Peu nombreux, parce que nos sens n’étant qu’au nombre de cinq, le champ de leurs investigations et la nature de leurs révélations se trouvent fort restreints. (MAUPASSANT, 1960, p.1004)³⁶.

A visão, que indica as dimensões, as formas e as cores, pode nos enganar em relação a esses três aspectos, na medida em que há muitas coisas no universo que não conhecemos e não vemos, coisas muito grandes e distantes, como as estrelas no espaço, ou coisas minúsculas, como o micróbio que vive na água. Isso faz com que a visão seja limitada e nossas ideias de proporção, assim como as dimensões e as formas estejam baseadas em princípios sem valor absoluto. Além disso, o olho imporia ao espírito sua maneira arbitrária de constatar as relações entre a luz e a matéria, e, por conseguinte, a forma de ver as cores.

Conhecemos a música, através da audição, “[...] *le plus poétique et le plus précis des arts, vague comme un songe et exact comme l’algèbre* [...]” (MAUPASSANT, 1960, p.1004)³⁷, do paladar e do olfato, os perfumes e a qualidade das comidas, respectivamente. No entanto:

³³ “[...] que são os únicos intermediários entre a vida externa e nós, que nos impõem suas percepções, determinam nossa sensibilidade, criam em nós uma alma essencialmente diferente de todas aquelas que nos rodeiam.” (MAUPASSANT, 1929, p.XIX).

³⁴ Confira Maupassant (1960).

³⁵ “acreditando ver, acreditando saber, acreditando conhecer” (MAUPASSANT, 1960, p.1004).

³⁶ “Incertos, porque são apenas as propriedades de nossos órgãos que determinam para nós as propriedades aparentes da matéria. Pouco numerosos, porque nossos sentidos sendo apenas cinco, o campo de suas investigações e a natureza de suas revelações são muito limitadas.” (MAUPASSANT, 1960, p.1004).

³⁷ “[...] a mais poética e a mais precisa das artes, vaga como um sonho e exata como a álgebra [...]” (MAUPASSANT, 1960, p.1004).

L'humanité pourrait exister [...] sans l'oreille, sans le goût et sans l'odorat, c'est-à-dire sans aucune notion du bruit, de la saveur et de l'odeur. Donc, si nous avions quelques organes de moins, nous ignorerions d'admirables et singulières choses, mais si nous avions quelques organes de plus, nous découvririons autour de nous une infinité d'autres choses que nous ne soupçonnerons jamais faute de moyen de les constater. (MAUPASSANT, 1960, p.1005)³⁸.

Sendo assim, nossa avaliação é precária do que é conhecido e, ao contrário, estamos rodeados pelo “*inconnu inexploré*”. Além disso, os sentidos se interpõem entre o homem e a inteligência e o ser, dominado por seu corpo, tem suas percepções limitadas, pois estas fornecem apenas informações incertas: “*Donc, tout est incertain et appréciable de manières différentes. Tout est faux, tout est possible, tout est douteux.*” (MAUPASSANT, 1960, p.1004)³⁹. Essa maneira de pensar faz parte da concepção de mundo em Maupassant.

Conclusão

Podemos perceber que Maupassant se inscreve na linhagem de pensadores que questionam o conhecimento pelos sentidos, como Montaigne (1533-1592), por exemplo. Se o real não se deixa capturar plenamente, estamos no plano do incerto e do impreciso e, nessa perspectiva, cada indivíduo tem seu próprio olhar e pode criar sua própria ilusão do mundo. A arte surge para o escritor como uma interpretação do mundo, visto que o conhecimento não é definitivo ou imutável. Mas Maupassant também rompe com a tradição filosófica das luzes, pois não entende que a razão seja o que caracteriza o homem. Ao contrário, para ele, o que marcaria o ser humano seriam as pulsões e sua propensão para manter suas ilusões.

Pensar, para Maupassant, afeta a saúde psíquica, podendo gerar a criação de ilusões, o que é negativo para ele (principalmente se considerarmos seu histórico pessoal ligado à esquizofrenia e à loucura). Desse modo, embora o corpo pareça ter mais espaço na obra de Maupassant, tanto a razão quanto os sentidos são vistos como ferramentas limitadas de percepção no escritor e em seus personagens, assim

³⁸ “A humanidade poderia existir [...] sem o ouvido, sem o paladar e sem o cheiro, isto é, sem qualquer noção do ruído, do sabor e do cheiro. Então, se tivéssemos menos órgãos, ignoraríamos coisas admiráveis e singulares, mas se tivéssemos mais órgãos, descobriríamos um número infinito de outras coisas que nunca suspeitaremos por falta de meios para encontrá-las.” (MAUPASSANT, 1960, p.1005).

³⁹ “Então, tudo é incerto e apreciável de maneiras diferentes. Tudo é falso, tudo é possível, tudo é duvidoso.” (MAUPASSANT, 1960, p.1004).

como aqueles de seu mestre Gustave Flaubert (1821-1880)⁴⁰. Eles não sabem ver o mundo, pois têm o olhar velado por suas emoções e desejos, deixando-se estar em meio à ilusão.

THE REASON AND THE SENSES IN GUY DE MAUPASSANT

ABSTRACT: *The matter of reason and of the senses, as a way of apprehending the real, was widely thought in modern times, especially by philosophers such as René Descartes (1596-1650), David Hume (1754-1776), Emmanuel Kant (1724-1804) and Arthur Schopenhauer (1788-1860). The empiricist and idealistic ideas, with the appreciation of the senses and of thought, respectively, enter the nineteenth century and influence many thinkers and writers, as is the case of the French writer Guy de Maupassant (1850-1893). In his work, the writer questions both reason and senses and shows us, in his personal style, that both are limited forms of perception.*

KEYWORDS: Reason. Senses. Guy de Maupassant.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, C. **Les fleurs du mal**. Édition établie et mise à jour par Jacques Dupont. Paris: GF Flammarion, 2006.

BISMUT, R. Sur le roman Fort comme la mort : Maupassant, à mi-chemin de Flaubert à Proust? **Les Lettres romanes**, Paris, n.7, p.311-318, nov. 1987.

DANGER, P. **Pulsion et désir dans les romans et nouvelles de Guy de Maupassant**. Paris: Nizet, 1993.

DARWIN, C. **A origem das espécies através da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela sobrevivência**. Tradução de Ana Afonso. Leça da Palmeira: Planeta vivo, 2009.

_____. **La descendance de l'homme et la sélection sexuelle**. Traduit par Edmond Barbier. Paris: C. Reinwald & Cia, 1891. Disponível em: < http://darwin-online.org.uk/converted/pdf/1891_DescentFrench_F1062.pdf >. Acesso em: 12 set. 2016.

DUDLY, W. **Idealismo alemão**. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2013. (Pensamento Moderno).

FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. Paris: Librairie Générale Française, 1972.

JAMES, H. **Du roman considéré comme un des beaux-arts**. Traduit de l'américain par Chantal de Biasi. Paris : Chrstian Borgois Éditeur, 1987. (Bibliothèque 10/18).

⁴⁰ Caso de Madame Bovary. Confira Flaubert (1972).

LARRIVAUD-DE WOLF, A. **Le primitif dans l'oeuvre de Maupassant**. 677f. Doctorat (Littérature et civilisation françaises) – Université Paris-Sorbonne, École doctorale III, Paris, 2011.

MATOS, J. C. M. Instinto e razão na natureza humana, segundo Hume e Darwin. **Scientiæ zudia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 263-86, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v5n3/a01v5n3.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

MAUPASSANT, G. **La vie errante**. Nouvelle édition augmentée. Saint-Julien-en-Genevois: Arvensa Editions, 2014.

_____. **Bel-Ami**. Paris: Gallimard, 2007.

_____. **Forte como a morte**. Tradução de Sérgio Rubens. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

_____. **Fort comme la mort**. Paris: Gallimard, 1983. (Folio classique, n.1450).

_____. **Bel-Ami**. Tradução de Clóvis Ramalhete. São Paulo: Abril Cultural, 1981. (Grandes sucessos).

_____. Lettre d'un fou. In: _____. **Contes et nouvelles**. Textes présentés, corrigés, classes et augmentés de pages inédites par Albert-Marie Schmidt avec la collaboration de Gérard Delaisement. Paris: A. Michel, 1960. v.2. p.1003-1009.

_____. **Chroniques, études, correspondances de Guy de Maupassant**. Recueillies, Préfacées et annotées par René Dumesnil avec la collaboration de Jean Loize. Paris: Librairie Grund, 1938.

_____. Le roman. In : _____. **Pierre et Jean**. Paris : L. Conard, 1929. (Oeuvres complètes, 19). p.V-XXVI.

_____. Lettre 571: à Jean Bourdeau, set. 1889. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/corresp/cadre.php?ord=a&num=571>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

PROUST, M. **A la recherche du temps perdu**. Editions publiée sous la direction de Jean-Yves Tadie. Paris: Gallimard, 2008. 4.v.

ROUSSEAU, J. -J. **Les rêveries du promeneur solitaire**. Paris: Nathan, 1997.

SABATIER, S. Exactitude poétique et engagement social chez Maupassant. In : _____. **La Musique dans la prose française**: Evocations musicales dans la littérature d'idée, la nouvelle, le conte ou le roman français des Lumières à Marcel Proust. Paris: Fayard, 2004. p.333-346.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação**: III parte. Tradução de Wolfgang Leo Mar, Maria Lucia Mello e Oliveira Caeciola; assessoria de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

